

Medo da intimidade, vinculação e divórcio parental: um estudo com jovens adultos

Maria Pedro Sobral¹, Pedro R. Almeida¹, & Maria Emília Costa¹

¹ Universidade do Porto – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Este estudo enquadra-se na teoria da vinculação (Bowlby, 1969; Bartholomew, 1990) e pretende analisar as relações entre medo da intimidade, divórcio parental, e qualidade de vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso. Foram aplicados o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (Matos & Costa, 2001), a *Experiences in Close Relationships* (Brennan, Clark, & Shaver, 1998) e o *Risk in Intimacy Inventory* (Pilkington & Richardson, 1988) a 264 jovens adultos (111 filhos de pais divorciados e 153 filhos de pais casados).

Os resultados sugerem uma relação entre medo da intimidade e os padrões de vinculação insegura, nomeadamente desinvestida e preocupada ao pai e à mãe e desinvestida e amedrontada ao par amoroso. O divórcio parental não se demonstrou relacionado com o medo da intimidade nem com a vinculação ao par amoroso, verificando-se um efeito do divórcio sobre a vinculação aos pais, moderada pelo progenitor com quem o sujeito vivia.

Palavras-chave: medo da intimidade, vinculação, divórcio parental.

1. INTRODUÇÃO

Sendo os aspectos do foro relacional centrais para o bem-estar psicológico dos jovens adultos, parece-nos importante debruçar-nos sobre a adaptação relacional destes indivíduos.

A teoria da vinculação (Bowlby; 1969) tem sido frequentemente utilizada para apurar as diferenças interpessoais no âmbito relacional. Embora tradicionalmente tenha sido usada para descrever o vínculo afectivo estabelecido entre a criança e o seu cuidador, as conceptualizações mais recentes desta teoria estenderam-se a descrever uma série de relações significativas ao longo da vida, incluindo as relações de intimidade durante a juventude adulta. Pressupondo que os indivíduos com diferentes padrões de vinculação percebem, nas suas relações, os acontecimentos em função dos modelos de si próprio (i.e., as expectativas gerais acerca do valor do *self*, que regulam a ansiedade nas relações de proximidade com os outros e o medo do abandono) e do outro (i.e., as expectativas gerais acerca da disponibilidade dos outros, que regulam a procura de apoio e de proximidade dos outros) que vão sendo desenvolvidos em relação com as figuras de vinculação, Bartholomew (1990) propõe um modelo bi-

dimensional da vinculação, constituído por quatro padrões: seguro (modelo positivo de si e do outro), preocupado (modelo negativo de si e positivo do outro), desinvestido (modelo positivo de si e negativo do outro) e amedrontado (modelo negativo de si e do outro).

O medo da intimidade foi sugerido como preditor dos problemas de intimidade (Descutner & Thelen, 1991), que, por sua vez, são vitais para uma vida em geral saudável e satisfatória (Berman & Margolin, 1992; Firestone & Catlett, 2000; Prager, 1995). O medo da intimidade pode ser definido como relutância à confiança e ao self-disclosure (Descutner & Thelen, 1991; McDonald, 2000; Sinclair & Nelson, 1998), medo do abandono, de perder o poder e de ser criticado ou ridicularizado pelo outro (Chelune et al., 1994; Pilkington & Richardson, 1988). A este fenómeno os autores referem-se utilizando por vezes diferentes expressões, como, precisamente, *medo da intimidade* (e.g., Costa, 1996; Descutner & Thelen, 1991; Firestone & Catlett, 2000; McDonald, 2000; Sherman & Thelen, 1996) ou percepção de risco da intimidade (e.g., Brunell, Pilkington & Webster, 2007; Pilkington & Richardson, 1988).

O divórcio dos pais aparece implicado na adaptação relacional dos jovens adultos na medida em que pode ser uma de entre a miríade de experiências significativas ao longo da história desenvolvimental que poderão condicionar a percepção que o indivíduo tem de si e do mundo, em geral (Brennan & Shaver, 1998; Mullett & Stolberg, 2002; Woodward, Fergusson, & Belsky, 2000), e da medida em que as relações de intimidade são ou não uma ameaça à sua integridade psicológica, em particular (de Silva, 2005; Klein, 2004; Toomey & Nelson, 2001). A propensão que os filhos de pais divorciados apresentam para eles próprios se divorciarem (Gabardi & Rosen, 1992) convida-nos a explorar que potenciais dificuldades relacionais estarão por detrás desta tendência. A literatura, contudo, não é unânime quanto aos efeitos negativos do divórcio, havendo alguns estudos que não verificaram diferenças significativas entre filhos de pais divorciados, nomeadamente quanto à vinculação (Hayashi & Strickland, 1998; Schulman, Scharf, Lumer, & Maurer, 2001) e quanto ao medo da intimidade (Brooks, 2008).

Este estudo pretende ser um contributo para a compreensão da adaptação relacional dos jovens adultos, avaliando o efeito da vinculação aos pais e par amoroso sobre o medo da intimidade e a medida em que estes são influenciados pela experiência de divórcio parental.

2. MÉTODO

2.1 Participantes

A amostra foi seleccionada segundo um formato de conveniência e seguindo um efeito *bola de neve*. É constituída por 264 sujeitos, 111 dos quais são filhos de pais divorciados e 153 filhos de pais casados. 147 desses jovens são do sexo feminino e 117 são do sexo masculino. O intervalo de idades dos sujeitos varia entre os 18 e os 30 anos, em que a média de idades é de 22,75 anos (DP=2,567). Destes jovens adultos, 67,0% são estudantes e 90,2% da amostra estava a frequentar ou tinha frequentado o ensino superior. Para se proceder às comparações entre filhos de pais divorciados e filhos de pais casados, analisou-se o emparelhamento dos grupos, não se encontrando diferenças entre os mesmos quanto às variáveis consideradas relevantes.

2.2 Instrumentos

Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM; Matos & Costa, 2001). Trata-se de um instrumento de auto-relato que se destina a avaliar as representações de vinculação que os adolescentes e jovens adultos têm em relação ao pai e à mãe. É composto por uma estrutura de três factores, cada um dos quais com 10 itens, todos eles ajustados à teoria da vinculação de Bowlby (1969) e Bartholomew (1990): *Inibição da Exploração e da Individualidade* (IEI; que acede à percepção de limitações à expressão da individualidade e aos comportamentos exploratórios), *Qualidade do Laço Emocional* (QLE; que pretende avaliar a importância do pai ou da mãe enquanto figura de vinculação) e *Ansiedade de Separação e Dependência* (ASD; que acede ao medo da separação da figura de vinculação e ao grau de dependência à mesma). Dado que este instrumento tem vindo a ser utilizado num conjunto alargado de estudos independentes em Portugal, tendo vindo a evidenciar invariância da estrutura factorial (e.g., Guedes, 2005; Moura, 2005; Oliveira, 2005; Rocha, 2008) e um ajustamento do modelo teórico, procedeu-se apenas à análise da consistência interna que, tal nos estudos anteriores referidos, revelou-se com valores adequados (IEI: $\alpha=.823$ - pai; $\alpha=.852$ - mãe; QLE: $\alpha=.953$ - pai; $\alpha=.894$ - mãe; ASD: $\alpha=.875$ - pai; $\alpha=.855$ - mãe).

Experiences in Close Relationships Scale (ECR; Brennan, Clark e Shaver, 1998). O ECR é composto por duas subescalas (*ansiedade* e *evitamento*) e pede aos participantes para indicarem a forma como vivem as relações em geral (não só a relação romântica actual mas também as passadas). A subescala da *ansiedade* (18 itens) acede à

medida em que os sujeitos receiam ser rejeitados, não amados ou não aprovados pelo outro e à medida em que o indivíduo sente ansiedade quando um companheiro não demonstra disponibilidade ou responsividade. A subescala de *evitamento* (18 itens) acede à medida em que o sujeito receia a proximidade, a dependência e a intimidade, bem como a medida em que relute ao *self-disclosure* e em que não sente que pode confiar no outro quando necessário. Foi realizada uma análise factorial restringindo a solução a dois factores ortogonais (rotação *Varimax* com normalização de *Kaiser*). A solução obtida explica 45.00% da variância dos dados (o factor 1 (evitamento) explica 26.235% da variância e o factor 2 (ansiedade) explica 18.771% da variância), sendo que todos os itens saturam nas dimensões previstas. Ambas as subescalas demonstram uma boa consistência interna para a amostra presente (ansiedade: $\alpha=.907$; evitamento: $\alpha=.922$).

Risk in Intimacy Inventory (RII; Pilkington e Richardson, 1988). Trata-se de uma medida unifactorial das percepções de risco de intimidade. Uma análise factorial revelou que os 10 itens saturam num único factor, que explica 50,042% da variância. Os 10 itens apresentam um *alpha* de *cronbach* de .887 para a amostra presente.

Questionário Sócio-demográfico, construído especialmente para este estudo.

3. RESULTADOS

De forma a permitir a avaliação da existência de configurações específicas na organização das dimensões avaliadas pelo QVPM (em separado para o pai e para a mãe) e pelo ECR, foram realizados procedimentos estatísticos de análise de *clusters*, através do método *K-Means*. Os sujeitos foram divididos em quatro estilos de vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso, utilizando-se como critério fundamental para a tomada desta opção a análise dos dendogramas e a pertinência conceptual da interpretação dos mesmos, de acordo com estudos anteriores e com os postulados da teoria da vinculação.

De seguida foram realizadas análises de variância (ANOVA) simples, legitimando-se a especificidade de cada configuração. Desta forma averigua-se também a variabilidade de cada uma das dimensões em função de cada um dos *clusters*, tendo em conta que o modelo de Bartholomew pressupõe a existência de determinadas semelhanças entre protótipos de quadrantes próximos. As análises *post hoc* demonstraram um efeito de *cluster* na IEI ($F(3, 246)=51.629, p=.000$), na QLE ($F(3, 246)=348.709, p=.000$) e na ASD ($F(3, 246)=129.939, p=.000$) no que toca à vinculação

ao pai, assim como diferenças significativas para os *clusters* do QVPM-mãe tanto em IEI ($F(3, 252)=131.832, p=.000$), como em QLE ($F(3, 252)=111.364, p=.000$) e ASD ($F(3, 252)=126.020, p=.000$). Verificou-se ainda que os 4 *clusters* para o ECR se diferenciam significativamente quer quanto à ansiedade ($F(3, 252)=214.046, p=.000$), quer quanto ao evitamento ($F(3, 252)=115.642, p=.000$).

Os *clusters* foram denominados de seguros, preocupados, amedrontados e desinvestidos, de acordo com o modelo de Bartholomew (1990).

Tabela 1: *Análise de clusters do QVPM – versão pai*

<i>Dimensões</i>	<i>Clusters</i>			
	Seguros (N=94)	Preocupados (N=59)	Amedrontados (N=66)	Desinvestidos (N=28)
IEI	1.96 ^c	3.26 ^a	2.99 ^a	2.48 ^b
QLE	5.47 ^a	5.25 ^a	4.17 ^b	2.00 ^c
ASD	3.02 ^b	3.83 ^a	2.34 ^c	1.29 ^d

Nota: Diferentes letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de $p \leq .05$.

Tabela 2: *Análise de clusters do QVPM – versão mãe*

<i>Dimensões</i>	<i>Clusters</i>			
	Seguros (N=67)	Preocupados (N=85)	Amedrontados (N=65)	Desinvestidos (N=36)
IEI	1.77 ^d	3.10 ^b	2.39 ^c	3.90 ^a
QLE	5.73 ^a	5.46 ^b	4.99 ^c	4.02 ^d
ASD	3.49 ^b	4.00 ^a	2.26 ^c	2.49 ^c

Nota: Diferentes letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de $p \leq .05$.

Tabela 3: *Análise de clusters do ECR*

<i>Dimensões</i>	<i>Clusters</i>			
	Seguros (N=75)	Preocupados (N=94)	Amedrontados (N=31)	Desinvestidos (N=53)
Ansiedade	2.20 ^d	3.25 ^b	4.10 ^a	2.76 ^c
Evitamento	1.74 ^c	1.82 ^c	2.56 ^b	2.94 ^a

Nota: Diferentes letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de $p \leq .05$.

3.1 Efeito da vinculação aos pais sobre o medo da intimidade

Em relação à qualidade de vinculação ao pai, verifica-se que os *clusters* diferem significativamente quanto ao medo da intimidade ($F(3, 246)=12.723, p=.000$).

Realizando testes *Post Hoc* através do método *Sheffe*, verifica-se que os sujeitos seguros obtêm valores de medo da intimidade significativamente mais baixos ($M=1.84$, $DP=0.59$), não se diferenciando dos sujeitos dos amedrontados ($M=2.10$, $DP=0.77$) ($p=.ns$) e diferenciando-se significativamente dos desinvestidos ($M=2.36$, $DP=0.94$) ($p=.001$) e dos preocupados ($M=2.52$, $DP=0.62$) ($p=.000$). Os sujeitos preocupados não se diferenciam dos desinvestidos ($p=ns$), diferenciando-se dos amedrontados ($p=.001$) e dos seguros ($p=.000$), e os sujeitos amedrontados diferenciam-se dos preocupados ($p=.010$). No que diz respeito à qualidade de vinculação à mãe, pode verificar-se que os 4 *clusters* diferem significativamente quanto ao medo da intimidade ($F(3, 252)=9.782$, $p=.000$). Testes *Post Hoc* através do método de *Sheffe* demonstraram que os amedrontados ($M=1.94$, $DP=0.73$) e os seguros ($M=1.87$, $DP=0.63$), bem como os preocupados ($M=2.36$, $DP=0.74$) e os desinvestidos ($M=2.44$, $DP=0.74$) não diferem quanto ao medo da intimidade ($p=ns$), sendo que os últimos (preocupados e desinvestidos) apresentam significativamente mais índices de medo da intimidade do que os primeiros (amedrontados e seguros) (preocupados vs. amedrontados, $p=.006$; preocupados vs. seguros, $p=.001$; desinvestidos vs. amedrontados, $p=.012$; desinvestidos vs. seguros, $p=.002$).

No sentido de explorar mais aprofundadamente estas relações, realizaram-se regressões entre as diferentes dimensões do QVPM para o pai e para a mãe e o medo da intimidade. No que respeita à qualidade da vinculação ao pai, verificou-se uma relação negativa moderada ($\beta=-.198$, $p=.002$) entre QLE e os níveis de medo da intimidade; uma relação positiva moderada ($\beta=.174$, $p=.006$) entre ASD e os níveis de medo da intimidade; e uma relação positiva moderada/forte ($\beta=.349$, $p=.000$) entre IEI e os níveis de medo da intimidade. No que toca à mãe, verificou-se uma relação positiva moderada ($\beta=-.249$, $p=.000$) entre QLE e os níveis de medo da intimidade; uma relação positiva moderada ($\beta=.213$, $p=.001$) entre ASD e os níveis de medo da intimidade; e uma relação positiva moderada/forte ($\beta=.358$, $p=.000$) entre IEI e os níveis de medo da intimidade.

3.2 Efeito da vinculação ao par amoroso sobre o medo da intimidade

Verificou-se que os sujeitos se diferenciam significativamente quanto ao medo da intimidade ($F(3, 252)=39.477$, $p=.000$), sendo que os sujeitos amedrontados ($M=2.81$, $DP=0.61$) não se diferenciam dos desinvestidos ($M=2.62$, $DP=0.68$) ($p=ns$). Ambos estes *clusters* se diferenciam do grupo dos preocupados ($M=2.03$, $DP=0.66$) e

dos seguros ($M=1.65$, $DP=0.51$) ($p=.000$ para todas as comparações) e estes diferenciam-se dos preocupados ($p=.002$).

Explorando mais aprofundadamente estas relações, realizaram-se regressões lineares simples e uma regressão linear múltipla, verificando-se uma relação positiva moderada/forte ($\beta=.406$, $p=.000$) entre ansiedade e medo da intimidade e uma relação positiva forte ($\beta=.615$, $p=.000$) entre evitamento e medo da intimidade. Inserindo a ansiedade e o evitamento como preditores do medo da intimidade num modelo de regressão múltipla, tanto a ansiedade ($\beta=.327$, $p=.000$) como o evitamento ($\beta=.570$, $p=.000$) revelam-se preditores significativos do medo da intimidade ($R^2=.483$).

No sentido de explorar ainda qual a variável com maior impacto no medo da intimidade, a qualidade de vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso foram inseridas num modelo factorial $4 \times 4 \times 4$, com o medo da intimidade como variável dependente. Quando se insere estas variáveis no modelo, verifica-se um efeito significativo dos padrões de vinculação ao pai ($F(3, 245)=3.442$, $p=.018$) e um maior dos padrões de vinculação ao par amoroso ($F(3, 245)=15.769$, $p=.000$), não existindo efeito dos padrões de vinculação à mãe ($F<0$) ou interacções entre estes preditores (R^2 ajustado do modelo = .34).

3.3 Efeito do divórcio parental sobre a vinculação aos pais

Não se verificou associação entre os padrões de vinculação ao par amoroso e o divórcio dos pais ($\chi^2(3)=2.884$, $p=ns$). Observa-se também que não existe dependência entre a qualidade de vinculação à mãe e a estrutura familiar ($\chi^2(3)=2.540$, $p=ns$), existindo, porém, uma dependência entre a qualidade de vinculação ao pai e o divórcio parental ($\chi^2(3)=43.678$, $p=.000$). Assim, observou-se que, para o grupo de filhos de pais divorciados existe uma maior prevalência de desinvestidos e amedrontados ao pai, enquanto que para os filhos de pais casados existe uma maior prevalência de seguros.

No sentido de explorar mais aprofundadamente o significado destas relações, realizaram-se ANOVAS com as dimensões do QVPM para o pai e mãe como variáveis dependentes e divórcio como variável independente, e separando posteriormente o grupo de filhos de pais divorciados segundo o progenitor com quem vivem (comparando, portanto, Filhos de pais casados vs. Filhos de pais divorciados que vivem com a mãe vs. Filhos de pais divorciados que vivem com o pai para as dimensões do QVPM). Verifica-se, no que respeita ao pai, que os filhos de pais divorciados ($M=4.11$,

DP=1.454) têm valores significativamente mais baixos de QLE ($t(147.211)=-6.374$, $p=.000$) do que filhos de pais casados ($M=5.10$, $DP=0.773$), mas que existe, no entanto, um efeito moderador do progenitor com quem vive o sujeito, uma vez que quando se separa os filhos de pais divorciados em jovens que vivem com a mãe e jovens que vivem com o pai, apenas os primeiros diferem significativamente dos casados ($p=.000$) quanto à QLE. Quanto à ASD, os filhos de pais divorciados ($M=2.56$, $DP=1.112$) apresentam valores significativamente mais baixos ($t(181.542)=-3.921$, $p=.000$) do que filhos de pais casados ($M=3.04$, $DP=0.813$) e, quando se separa os filhos de pais divorciados em jovens que vivem com a mãe e jovens que vivem com o pai, apenas os primeiros diferem significativamente dos casados ($p=.001$). Já no que diz respeito ao IEI, não existem diferenças significativas entre os filhos de pais divorciados e filhos de pais casados ($t(245)=-0.105$, $p=ns$) ou efeito moderador do progenitor com quem o sujeito vive. Considerando a qualidade de vinculação à mãe, não se verificam diferenças significativas entre o grupo de filhos de pais divorciados e o grupo de filhos de pais casados quanto à dimensão QLE, verificando-se, no entanto, um efeito moderador do progenitor com quem vive, uma vez que, quando se separa os filhos de pais divorciados em jovens que vivem com a mãe e jovens que vivem com o pai, os segundos diferem significativamente dos casados ($p=.001$) quanto à QLE. Quanto a ambas as outras dimensões, não se verificam diferenças significativas entre os filhos de pais divorciados e os filhos de pais casados quanto à ASD ($t(251)=-0.666$, $p=ns$), nem quanto à IEI ($t(251)=-0.424$, $p=ns$), não se verificando também nenhum efeito moderador do progenitor com quem vive em nenhuma destas duas variáveis.

3.4 Efeito do divórcio parental sobre a vinculação ao par amoroso

Recorrendo ao teste de dependência do Chi-quadrado, verifica-se que não existe associação entre os padrões de vinculação ao par amoroso e o divórcio dos pais ($\chi^2(3)=2.884$, $p=ns$). Não se verificou também efeito do divórcio sobre o evitamento, tendo-se verificado um efeito marginalmente significativo do divórcio sobre a ansiedade ($F(1,249)=2.833$, $p=.094$).

3.5 Efeito do divórcio parental sobre o medo da intimidade

Um teste t de Student para amostras independentes revelou que não existem diferenças significativas entre o grupo de filhos de pais divorciados e o grupo de filhos de pais casados relativamente ao medo da intimidade ($t(252)=1.523, p=ns$).

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em relação à qualidade de vinculação aos pais, parecem ser os desinvestidos e os preocupados (os quais não se diferenciam significativamente) aqueles que apresentam mais medo da intimidade. Para ambas as figuras parentais, os seguros aparecem como os que menos têm medo da intimidade, sendo acompanhados pelos amedrontados. No que respeita à qualidade de vinculação ao par amoroso, parecem ser os amedrontados e os desinvestidos (que não se diferenciam significativamente) aqueles que têm mais medo da intimidade, seguindo-se dos preocupados e, finalmente, dos seguros. Estes resultados vão parcialmente de encontro aos trabalhos de Gifford (2004), que, utilizando também o ECR e o RII, verificou que os amedrontados apresentam valores mais elevados do que os desinvestidos e os preocupados, os quais apresentam níveis moderados de medo da intimidade e significativamente mais elevados do que os seguros; e de Talka (2008) que apontou os desinvestidos como os maiores detentores de medo da intimidade.

É de notar que, em termos de estilos de vinculação, são os seguros e os desinvestidos aqueles que apresentam consistentemente os mais reduzidos e os mais elevados (respectivamente) índices de medo da intimidade. Tendo um modelo positivo de si e negativo do outro, os desinvestidos terão uma tendência para nas relações amorosas apresentarem baixos níveis de confiança, incapacidade de interdependência, falta de proximidade e evitamento da intimidade. Talvez o medo da intimidade tal qual é concebido se possa assumir como característica que, aliada a essas com que se cruza, compõem este padrão. Por outro lado, tendo um modelo positivo de si e do outro, e confiando em si próprios como passíveis de ser amados e passíveis de amar, os sujeitos seguros, ao apresentarem os mais reduzidos níveis de medo da intimidade parecem ter, neste sentido, uma maior capacidade para a intimidade.

O facto dos indivíduos com um modelo preocupado de vinculação ao pai e à mãe (indivíduos com níveis elevados de *ansiedade* de separação e dependência) surgirem, não significativamente atrás dos desinvestidos, como os maiores detentores do

medo da intimidade, remete-nos para o resultado também encontrado neste estudo que nos indicou que tanto a *ansiedade* como o evitamento (enquanto dimensões da vinculação ao par amoroso) parecem ser ambos bons preditores do mesmo (corroborando o estudo de Gifford, 2004). Isto leva-nos a questionar o facto de se fazer muitas vezes uma associação linear entre medo da intimidade e evitamento, e particularmente os sujeitos tipicamente evitantes (amedrontados e desinvestidos). Na verdade, os resultados obtidos sugerem que o medo que o indivíduo tem da intimidade pode estar relacionado tanto com a ansiedade que ele experiencia nessa intimidade, como com o seu evitamento. Sendo que o medo da intimidade é geralmente conceptualizado em torno de uma desconfiança dos outros e de um evitamento da proximidade, não seria de esperar que aqueles que mais a procuram (preocupados) exibissem os mais elevados níveis. Note-se, no entanto, que o medo da intimidade está também relacionado com o medo de ser rejeitado e, estando esse medo associado a um modelo negativo de si (“*eu não sou digno de ser amado, logo, tenho medo de ser rejeitado*”; “*eu vou magoar-me porque não sou suficientemente bom para merecer apoio e conforto*”), pode fazer sentido que o medo da intimidade pressuponha também níveis elevados de ansiedade, assim como que sujeitos preocupados — ainda que a procurem — também percepcionem a intimidade como um risco. Talvez os indivíduos, devido à ansiedade que sentem na intimidade, incorram em mecanismos de defesa do *self* que passem pelo evitamento, em certa medida, da intimidade, como forma de minimizar essa ansiedade e garantir a sobrevivência psicológica.

Segundo alguns autores (Gifford, 2004; Pilkington & Woods, 1999), e embora as razões pelas quais os indivíduos sentem medo da intimidade possam diferir, os indivíduos com elevado medo da intimidade que, ainda assim, arriscam em relações de proximidade, podem interpretar os pequenos sinais do outro como mensagens de rejeição. No sentido de se auto-protegerem, eles podem enveredar por atitudes e comportamentos que minimizem esse risco. Focando-se excessivamente na monitorização dessas mensagens, eles podem acabar por interpretar qualquer comportamento do outro em função das suas expectativas de abandono. Na eventualidade do outro chegar atrasado a um encontro, por exemplo, o indivíduo com altos níveis de medo da intimidade, interpretando esse comportamento como rejeitante, tenderá a assumir ele próprio comportamentos de rejeição ou distância emocional, de forma a prevenir a dor do abandono. Ora, esses comportamentos podem eventualmente

acabar por afastar, de facto, o outro (mesmo que a percepção inicial das mensagens rejeitantes não fosse real), o que levará o indivíduo a confirmar as suas percepções, a reforçar o seu medo da intimidade e a estimular os comportamentos evitantes. O indivíduo ver-se-á, assim, inserido num ciclo confirmatório de um modelo negativo de si (“*eu não sou amável*”) e/ou do outro (“*os outros são não confiáveis e rejeitantes*”), ciclo no qual, sendo assim, tanto os indivíduos com características do padrão desinvestido como do preocupado (os dois padrões de vinculação aos pais que nos ressaltam como os maiores detentores de medo da intimidade), assim como o padrão amedrontado (que, no que toca à vinculação ao par amoroso, exibiu também valores elevados de medo da intimidade) podem, por defesa, aparentar.

Numa exploração mais aprofundada dos significados das relações encontradas entre os padrões de vinculação aos pais e o medo da intimidade, verificou-se que quanto menos QLE, mais ASD e mais IEI aos pais, maiores são os índices de medo da intimidade, sendo que a IEI é, das três, a dimensão da qualidade de vinculação aos pais que melhor veio predizer o medo da intimidade. Tendo em conta que os indivíduos com padrão desinvestido de vinculação são aqueles que, caracteristicamente, exibem os elevados valores de IEI, isto vai de encontro aos resultados que os apontaram como exibindo mais medo da intimidade. Partindo do princípio que as relações de vinculação aos pais têm implicações nos modelos de si e do outro, e tomando o medo da intimidade como caracterizado pelo isolamento (no sentido eriksoniano) e pelo evitamento, pode associar-se, teoricamente, o medo da intimidade a características individuais de alguma forma ligadas a um desenvolvimento pautado por restrições à exploração do mundo. Assim, a IEI reflectiria de alguma forma a inibição da exploração da relação com o outro, a qual teria repercussões na capacidade do indivíduo para a intimidade, repercussões essas que passarão pelo medo da intimidade.

É possível que os acontecimentos de vida significativos, como o divórcio dos pais, altere as relações com os progenitores o suficiente para produzir mudanças eventuais nos padrões de vinculação. Uma dessas alterações pode passar pelo distanciamento do progenitor que sai de casa após a separação. Os resultados deste estudo indicam um efeito do divórcio sobre a vinculação aos pais, moderado pelo progenitor com quem o sujeito vive. Os filhos de pais divorciados parecem apresentar menos QLE ao progenitor com quem não vive e menos ASD no caso desse ser o pai. Quanto ao progenitor com quem vive, a qualidade de vinculação dos filhos de pais

divorciados não parece diferir da dos filhos de pais casados. Sendo os desinvestidos e os preocupados ao pai aqueles que apresentaram a maior prevalência no grupo dos filhos de pais divorciados, podemos adiantar que talvez os indivíduos, após a separação parental e o afastamento desse progenitor, interpretem esse afastamento como uma forma, em certa medida, de abandono, percepcionando-se talvez a si próprios como menos passíveis de ser cuidados e amados (preocupados), ou que, por outro lado, percepcionem o outro como menos indispensável, menos confiável e mais rejeitante (desinvestidos). Se tivermos em conta que os filhos de pais divorciados percepcionam as suas relações com os pais mais distantes (Woodward et al., 2000), podemos pensar a possibilidade dos filhos de pais divorciados poderem desenvolver um modelo mais negativo de si ou do outro após essa alteração da relação com o progenitor que sai de casa. Uma vez que neste estudo não tivemos acesso à qualidade de vinculação anterior ao divórcio e às possíveis transformações da mesma, os resultados apresentados não nos podem elucidar acerca do impacto do divórcio sobre os padrões de vinculação, mas apenas nos apontar as diferenças encontradas. Ainda assim, e muito embora tomemos estes padrões como de certa forma estruturais e de difícil mudança, o efeito moderador encontrado sugere-nos a possibilidade das alterações familiares poderem provocar alterações na qualidade de vinculação aos pais, e convida à realização de estudos longitudinais que venham avaliar esta hipótese. Nesses estudos, seria particularmente interessante incluir a variável do envolvimento parental do progenitor que saiu de casa, considerando-a na qualidade relacional que este mantém ou não com o filho.

Quer quanto aos estilos de vinculação ao par amoroso, quer quanto ao medo da intimidade, não parece haver diferenças entre os filhos de pais divorciados e os filhos de pais casados. Embora a maior parte da literatura tenha enfatizado os riscos associados à experiência do divórcio parental no que toca à vinculação amorosa e à intimidade (De Silva, 2004; Gabardi & Rosen, 1992; Klein, 2005; Swartzman-Schatman & Schinke, 1993; Toomey & Nelson, 2001; Wallerstein & Blakeslee, 1996), estes resultados vão de encontro a outras investigações que não encontraram diferenças significativas entre os dois grupos quanto à primeira (Hayashi & Strickland, 1998; Schulman, Scharf, Lumer, & Maurer, 2001) e à segunda variável (Brooks, 2008). Daqui pode ponderar-se que alguns filhos de pais divorciados podem ter tido a possibilidade de resolverem o luto inerente ao divórcio e integrar os acontecimentos de vida e experiências a ele inerentes, bem como — quiçá através de actualizações potencializadas pela vivência de outras

relações — de resolverem os hipotéticos receios relacionados com a intimidade que terão decorrido do facto de terem assistido à dissolução do seu grande modelo de relação, a dos seus pais. Estes resultados vão assim de encontro às considerações de Hines (1997), que avança que as mudanças na estrutura familiar podem inclusivamente equilibrar riscos e oportunidades para os filhos de pais divorciados, podendo estes vir a usufruir de relações de intimidade positivas e duradouras (Hazelton, Lancee & O’Neil, 1998; Nock, 1982; Garbardi & Rosen, 1992; Gately & Schwebel, 1992; Sinclair & Nelson, 1998). Além disso, não se pode deixar de ter em conta que o divórcio parental é uma experiência subjectiva, sempre inserida numa complexidade de variáveis contextuais (idade do sujeito no momento do divórcio, recasamento dos pais, poder parental, frequência de contactos com o progenitor não residente, existência de irmãos, entre outros), cuja moderação sobre a relação entre o divórcio e o medo da intimidade seria interessante avaliar. Na verdade, os resultados contraditórios das investigações acerca do divórcio parecem sugerir que não seja a estrutura familiar propriamente dita que influencia linearmente as várias dificuldades relacionais vividas pelos jovens adultos, mas que poderá existir uma variedade de factores que entram na complexa dinâmica de influências que contribuem para esses problemas.

5. CONCLUSÕES

A presente investigação pretendeu avaliar o efeito da vinculação aos pais e par amoroso sobre o medo da intimidade e a medida em que estes são influenciados pela experiência de divórcio parental, contribuindo para a compreensão da adaptação relacional dos jovens adultos.

Ao encontrar ligações entre o medo da intimidade e as dimensões da vinculação, este estudo poderá contribuir de alguma forma para a compreensão do de si complexo construto de medo da intimidade, no sentido que nos é dado pelo modelo integrativo do desenvolvimento da intimidade de Costa (2005) que assenta o conceito nos modelos de si e do outro. Ainda assim, — e de forma a permitir investigações mais rigorosas e, consequentemente, intervenções mais eficientes — seria importante que futuramente este conceito fosse clarificado e claramente distinguido de outros termos que lhe são próximos (como baixa capacidade para a intimidade, medo da rejeição, evitamento da intimidade, entre outros). Este estudo pode ainda dar-nos pistas para a compreensão dos indivíduos que receiam a intimidade, particularmente em contexto de terapia de casal e

alerta-nos, enquanto clínicos, para a importância da consideração dos modelos de si e do outro no entendimento das atitudes e comportamentos ansiosos e evitantes dos indivíduos em relação. Sendo esses modelos de difícil acesso através de instrumentos de auto-relato, é em contexto clínico (se não em contexto natural) que eles se poderão revelar mais perceptivelmente e permitir que a intervenção contribua para a sua actualização a um nível mais adaptativo. Ressalve-se que, quer em contextos clínicos quer em contextos naturais, é importante estar-se ciente de que a valência dos modelos que os indivíduos aparentam pode corresponder mais ou menos àqueles que de facto têm interiorizados. Por exemplo, ainda que um sujeito desinvestido seja esperado como alguém que evita a proximidade, isto não significa que não possa manter relações românticas até funcionais. A diferença sublime estará no facto de ele *estar* ou *ser* na relação com determinado parceiro. À partida, o indivíduo desinvestido, com medo da intimidade, terá dificuldade em *ser* em relação. O nosso desafio enquanto clínicos será, então, apercebermo-nos dessas nuances e desafiar o indivíduo a tomar consciência das mesmas e associar o modo como as encarna à sua história relacional.

Este estudo vem também apontar para a desmistificação do divórcio parental enquanto determinante de indaptações relacionais por parte dos jovens adultos filhos de pais divorciados, ponderando a pertinência da normalização desta transição na sociedade contemporânea na qual estes casos se vão acumulando. Os presentes resultados vêm assim juntar-se ao material para discussão de que poderá não ser o divórcio parental propriamente dito que contribuirá para as dificuldades relacionais dos filhos de pais divorciados, mas eventuais variáveis inerentes ao mesmo que carecem de exploração. Indirectamente, estes sugerem a consideração dessas outras variáveis relacionadas com o divórcio, como alterações familiares a si inerentes, que poderão trazer consequências indirectas por via, por exemplo, de potenciais alterações da qualidade de vinculação, e que poderão explicar as incoerências de resultados entre estudos com filhos de pais divorciados na literatura. Os resultados alertam ainda para a necessidade da sensibilização dos pais que se divorciam acerca da importância da manutenção do envolvimento da figura que sai de casa, acerca da pertinência da corresponsabilidade parental, e acerca da importância da preservação da qualidade da relação com os filhos.

CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA

Maria Pedro Sobral
 Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
 Rua do Dr. Manuel Pereira da Silva, s/n. 4200-392 Porto
 pdpsi09004@fpce.up.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bowlby, J. (1969). The making and breaking of affectional bonds, *British Journal of Psychiatry*, *130*, 201-210.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, *7*, 147-178.
- Berman, B., & Margolin, G. (1992). Analysis of the association between marital relationships and health problems: An international perspective. *Psychological Bulletin*, *112*, 39-63.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measures of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson, & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford Press.
- Brooks, J. L. (2008). Perceptions of young adults who have experienced divorce and those who have not with regard to parent-child relationships and romantic relationships. Masters Dissertation. College of Human Sciences, Florida State University, USA.
- Brunnel, A. B., Pilkington, C. J., & Webster, G. D. (2007). Perceptions of risk in intimacy in dating couples: Conversations and relationship quality. *Journal of Social and Clinical Psychology*, *26* (1), 92-119.
- Chelune, G. J., Waring, E., Yosk, B., Sultan, F., & Ogden, J. (1994). Self-disclosure and its relationship to marital intimacy. *Journal of Clinical Psychology*, *40*, 216-219.
- Costa, M. E. (1996). A intimidade à procura de um psicoterapeuta. *Cadernos de Consulta Psicológica*, *12*, 5-11.
- De Silva, R. (2004). *The impact of divorce on intimacy among adults who experienced parental divorce in childhood*. Dissertation, California State University, California, USA.
- Descutner, C. J., & Thelen, M. H. (1991). Development and validation of a fear-of-intimacy scale. *Psychological Assessment*, *3*, 218-225.

- Firestone, R. W., & Catlett, J. (2000). *Fear of intimacy*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Gabardi, L., & Rosen, L. A. (1992). Intimate relationships: College students from divorced and intact families. *Journal of Divorce and Remarriage*, 18 (3), 25-56.
- Gifford, J. N. (2004). *Desire and fear as dimensions of romantic attachment*. Doctoral Dissertation. College of William and Mary, Eastern Virginia Medical School, Norfolk State University, Old Dominion University, USA.
- Klein, H. K. (2005). *Investigation of variables influencing college students' marital attitudes and fear of intimacy*. Doctoral Dissertation, Ball State University, Muncie, Indiana, USA.
- McDonald, A. (2000). *Young adults' attitudes toward marriage and fear of intimacy in relation to gender, religiosity, and conflict in the family of origin*. Doctoral dissertation, Faculty of the Graduate School of Texas, USA.
- Moura, O. (2005). *A vinculação aos pais e relações familiares na adolescência*. Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Pilkington, C. J., & Richardson, D. R. (1988). Perceptions of risk in intimacy. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5, 503-508.
- Pilkington, C. J., & Woods, S. P. (1999). Risk in intimacy as a chronically accessible schema. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 249-263.
- Prager, K. J. (1995). *The Psychology of Intimacy*. New York: Guilford.
- Sherman, M. D., & Thelen, M. H. (1996). Fear of intimacy scale: Validation and extension with adolescents. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13 (4), 507-521.
- Schulman, S., Scharf, M., Lumer, D., & Mauer, O. (2001). Parental divorce and young adult children's romantic relationships: Resolution of the divorce experience. *American Journal of Orthopsychiatric*, 71 (4), 473-478.
- Sinclair, S. L., & Nelson, E. S. (1998). The impact of parental divorce on college students' intimate relationships and relationship beliefs. *Journal of Divorce and Remarriage*, 29 (2), 103-129.
- Talka, K. M. (2008). *Alone on the range: Does dismissing attachment style, masculine ideology and alexithymia predict men's fear of intimacy in romantic relationships?* Masters Dissertation, Albany, USA.

- Toomey, E. T., & Nelson, E. S. (2001). Family conflict and young adults' attitudes toward intimacy. *Journal of Divorce and Remarriage*, 34 (3), 49-69.
- Woodward, L., Fergusson, D., & Belsky, J. (2000). Timing of parental separation and attachment to parents in adolescence: Results of a prospective study from birth to age 16. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 162-174.